

## Identidade-Idioma Visual Identity-Visual Language

Shirley Vilhalva<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo aborda a Identidade-idioma visual em um olhar quântico – no qual a referência é um conjunto de pessoas com eloquência pela língua de sinais, podendo ser surda ou ouvinte, que concebem de forma afirmativa os atributos culturais dessa língua visual, da cultura surda, da identidade surda, transcendendo a identidade linguística e trazendo a exterioridade de produtos que fazem uso das marcas linguísticas como as configurações de mãos e demais elementos em sinais; promovendo o idioma que se vê de forma sublime e que estabelece vínculos com as instituições e serviços específicos ao povo surdo. Esse conjunto de elementos costuma ter como base a língua de sinais em produtos visuais, como vídeo e outros meios comunicacionais que reconhecem a Libras em sua forma natural. O mundo ainda vai admitir que a língua de sinais exige ultrapassar a barreira da comunicação concreta/sólida para a abstrata/quântica. Esse processo vai vigorar no início como uma revolução linguística. Todos usarão a língua de sinais. Em junção ao que já está escrito em texto anterior, busco atualizar em trocas de diálogos sobre o texto “Anatomia do sentimento surdo” (Vilhalva, 2012), onde procuro primeiro lembrar-me dos diálogos<sup>2</sup> totêmicos<sup>3</sup> que tive com a pesquisadora Gladis Perlin. Assim, levando o diálogo a uma cosmovisão surda, pretendo estudar em meu próprio ser sobre o que é sentimento de um ponto de vista êmico<sup>4</sup>, com um olhar essencialmente dentro da cultura surda, e quando estes sentimentos sentem o que estão em pauta e de que, ao perceber, há uma transformação uno-dialógica de como esse sentimento age em uma situação de complementaridade do fato externo a ser entendido.

**Palavras Chave:** Idioma Visual; Língua de sinais; Identidade-idioma; Sentimentos surdos.

### Abstract

This article delves into visual language-identity in a quantum perspective, in which a group of people with eloquence in sign language, deaf or hearing, conceive in an affirmative way the cultural attributes of this visual language, deaf culture, deaf identity, transcending a linguistic identity and bringing the exteriority of products that make use of linguistic marks as the configurations of hands and other elements in signs. By promoting a language that is seen in a sublime way, and establishing links with institutions and specific services for the deaf, this set of elements is usually based

on sign language through visual products, such as video and other communication means, that recognize Libras in its natural form. The world will still admit that sign language requires crossing the communication barrier concrete/solid to abstract/quantum. This process will take effect at the beginning as a linguistic revolution. Everyone will use sign language. In addition to what is already written in previous contributions, I try to update by further dialoguing with the text “Anatomy of the deaf feeling” (Vilhalva, 2012). Before, I recover the totemic conversations that I had with the researcher Gladis Perlin. Then, leading such dialogue in the orientation of a deaf worldview, I intend to search within myself what this means from an emic point of view, assuming the deaf culture look; when these feelings touch the core, there is a one-dialogical transformation as this feeling is complementary with the external condition of being understood.

**Keywords:** Visual Language; Sign Language; Identity-language; Deaf feelings.

### Resumen

El artículo habla de la Identidad-idioma visual desde una mirada cuántica, en la que un conjunto de personas con elocuencia en lengua de señas--que pueden ser sordas u oyentes-- conciben de forma afirmativa los atributos culturales de esta lengua visual, de la cultura y identidad sordas, trascendiendo la identidad lingüística y aportando la exterioridad de productos que hacen uso de marcas lingüísticas como las configuraciones de las manos y otros elementos de las señas. Promoviendo el lenguaje que se ve de manera sublime y estableciendo vínculos con instituciones y servicios específicos para las personas sordas, este conjunto de elementos suele basarse en el lenguaje de señas en productos visuales, como el video y otros medios de comunicación, que reconocen la Lengua de Señas Brasileña (Libras) en su forma natural. El mundo todavía admitirá que la lengua de señas requiere cruzar la barrera de la comunicación concreta/sólida a la abstracta/cuántica. Este proceso entrará en vigor al principio como una revolución lingüística. Todos usarán la lengua de señas. Además de lo ya escrito en una contribución anterior, trato de actualizar los intercambios de diálogos sobre el texto “Anatomía del sentimiento sordo” (Vilhalva, 2012). Antes recupero las conversaciones totémicas que tuve con la investigadora Gladis Perlin. Así, llevando el diálogo a una cosmovisión sorda, trato de estudiar en mi propio ser lo que es sentir desde un punto de vista emic, en una mirada esencialmente dentro de la cultura sorda; cuando estos sentimientos sienten lo que está en discusión y uno se da cuenta, hay una transformación uno-dialógica, ya que este sentimiento actúa en una situación de complementariedad del hecho externo a ser comprendido.

**Palabras clave:** idioma visual; lengua de señas; identidad lingüística; sentimientos sordos.

Fecha de Recepción: 10/06/2021 Primera Evaluación: 12/07/2021 Segunda Evaluación: 14/07/2021 Fecha de Aceptación: 02/08/2021
---

*Tenhamos em mente que não somos o que os outros pensam e, muitas vezes, nem mesmo o que pensamos ser; mas somos, verdadeiramente, o que sentimos. Aliás, os sentimentos revelam nosso desempenho no passado, nossa atuação no presente e a nossa potencialidade no futuro.*

**Francisco do Espírito Santo Neto, ditado por Hammed, 2003:207.**

Este artigo reflete sobre Identidade-idioma visual em um olhar quântico, no qual a referência é um conjunto de pessoas com eloquência na língua de sinais, podendo ser surda ou ouvinte, que concebem de forma afirmativa os atributos culturais dessa língua visual, da cultura surda, da identidade surda, transcendendo a identidade linguística e trazendo a exterioridade de produtos que fazem uso das marcas linguísticas, como as configurações de mãos e demais elementos em sinais. Promovendo o idioma que se vê de forma sublime e estabelece vínculos com as instituições e serviços específicos ao povo surdo, esse conjunto de elementos costuma ter como base a língua de sinais em produtos visuais como vídeo e outros meios comunicacionais, que reconhecem a Libras em sua forma natural.

O mundo ainda vai admitir que a língua de sinais exige ultrapassar a barreira da comunicação concreta/sólida para a abstrata/quântica. Esse processo vai vigorar no início como uma revolução linguística. Todos usarão a língua de sinais. Em junção ao que já está escrito em texto anterior, busco atualizar trocas de diálogos sobre o texto “Anatomia do sentimento surdo” (Vilhalva, 2012). Procuro, primeiro, lembrar-me dos diálogos<sup>5</sup> totêmicos que tive com a pesquisadora Gladis Perlin. Assim, levando o diálogo a uma cosmovisão surda, pretendo estudar em meu próprio ser sobre o que é sentimento, como os surdos sentem a ação e a reação de expressão sobre o assunto quando esses estão em pauta e como isso acontece.

Entre as reações de vivenciar um sentimento que desconhecemos, processualmente vai aparecendo com leve compreensão que algo quer dizer algo ali. Este texto foi parar em um consultório de psicologia: o levei para fazer terapia, já que se trata de saúde mental, de emoções e desejos a serem solucionados. Tantas palavras passaram em minha mente, nada fácil de escrever quando se desconhece os nomes dos sentimentos. Um sentimento diferente converge quando se ganha uma amplitude linguística em relação ao contato com os pares surdos. É possível ver que procedam a um momento de prepotência lingual, uma prepotência linguística e uma potência dialógica. Essas três esferas dos sentimentos surdos são observadas quando há um processo de controle nos espaços interferido com os ouvintes.

Os surdos, não generalizando, passam quase todos por processos de mudanças

e transformações ao entenderem como lidar e organizar determinados sentimentos. Constando que eles se encontram em processo de aprendizagem da língua de sinais e de suas nuances mais abstratas, ao poder usufruí-la, eles podem acreditar que a língua de sinais tem uma valorização, ou seja, que a língua de sinais é única e a mais importante, prevalecendo a ideia que todos os seres teriam que aprender esse idioma visual naturalmente.

Em relação à prepotência sentimental, essa provavelmente se inicia quando há o domínio da língua, ou melhor, quando vem com a proficiência dela. Fazendo uma reflexão a respeito de práticas do ensino de língua de sinais, é possível observar que há um desejo prepotente do professor, quando ele pede ao aprendiz para fechar a boca sistematicamente, com uma visão única da supervalorização de sua língua. Essa situação pode causar alguns choques e, em consequência, tornar essa prática desfavorável. Isso ocorre quando não existe compreensão das necessidades linguísticas e culturais do outro, percebendo, assim, o impacto inicial entre culturas e identidades linguísticas divergentes.

Em outro momento, o professor inicia um contato maior para conhecer o outro como aprendiz da sua língua, toma conhecimento de sua prepotência linguística em relação ao outro, passa a entender que a língua escrita é visual e designa um novo sentimento linguístico, que é colocar a sua inspiração de surdo sinalizante com propriedade comunicacional e potente, a negociação frente à língua de sinais do ouvinte sinalizante e participante da comunidade Libras.

O diferencial aqui é a existência de duas comunidades: a comunidade surda protagonizada pelo povo surdo e demais espaços conquistados pela política social e movimentos surdos, e a segunda, comunidade Libras, que é controlada mais pelo sistema público ou privado, espaço constituído também por lutas surdas.

O sentir, a experiência visual e a expressão dialógica na língua de sinais, no corpo surdo há muitos sentimentos, muitas reações as quais fazem mexer com um determinado sentimento ou não, podendo ser um sentimento seletivo, mas um sentimento generalizado e complexo. Essa complexidade podemos ver que acontece ao entrar ou pertencer a um grupo surdo que tem suas próprias regras, só entende a cosmovisão surda aqueles que têm e vivem nas e com as experiências visuais (Vilhalva en Perlin y Stumpf, 2012: 59).

Nesses momentos, vêm mil e um pensamentos sem saber o que realmente é real. Uma nuance chega próxima com um poema do caríssimo Manoel de Barros<sup>6</sup>:

## **Difícil fotografar o silêncio...**

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada, a minha aldeia estava morta.

Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Estava carregando o bêbado.

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado.

Fotografei o perfume.

Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.

Fotografei o perdão. Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre.

Por fim eu enxerguei a nuvem de calça.

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com maiakovski – seu criador.

Fotografei a nuvem de calça e o poeta.

Nenhum outro poeta no mundo faria uma roupa

Mais justa para cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.

Quando navegamos no poema de Manoel de Barros, ficamos paralisados no encontro de cada letra e de cada sentido e nuance poética. Há momentos em que – talvez quando a pessoa olha para si mesma e percebe certas coisas – é difícil de se situar: como fotografar o silêncio? E assim podemos dizer quão difícil pode ser fotografar a língua de sinais em diferentes dimensões da comunidade surda e da

comunidade Libras.

### **O que tem esse poema?**

Ao ler e entender esse poema tão abstrato e ao mesmo tempo tão concreto, remeto a pensar nos sentimentos no corpo surdo. Até onde entender todo processo que está ali, algo sentido sem saber explicar ou mesmo desconhecer como se nomear? O surdo tem uma criatividade que apenas aqueles que conseguem entrar no mundo das configurações de mãos sabem... os sons que os olhos recebem. Portanto, há criatividade, criações, reestruturações e um final dentro da diferença produzida e, da mesma forma, emerge algo original que junta tudo com os parâmetros dentro da conexão mental, como acontece em uma construção de uma intersubjetividade cultural surda.

Voltando ao poema, ele traz uma individualidade quando o poeta Manoel de Barros diz:

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada, a minha aldeia estava morta.

Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Entrei novamente dentro do corpo surdo para saber se havia algum silêncio e nada encontrei. Entendi o poeta ao me encontrar com Carl Gustav Jung, que definiu “individualização como um processo por meio do qual uma pessoa se torna consciente de sua individualidade” (Hammed, 2003: 141). Estou dentro e mais uma vez olho para dentro e sigo em frente tentando descobrir o meu outro, o meu outro ouvinte, quem é ele. Quem é o ouvinte? Os surdos narram tanto sobre quem é o surdo e os ouvintes silenciam e não revelam quem são os ouvintes. O tempo atravessa correndo e logo um dedo aponta: o surdo não sabe quem é o ouvinte. Hammed continua na mesma página a dar uma prosa: “por não termos uma percepção clara de nossa real identidade é que somos escravos da opinião alheia.”

As mudanças ocorrem cada vez mais velozes, deixando que tudo venha parecer que agora tudo está resolvido. No fundo das questões psicológicas, o surdo é como o carregador que carrega mil e um sentimentos sem os conhecer pelos nomes. Inicia aí uma nova busca de talentos que a língua de sinais é capaz de minar: a busca contínua para conhecer a identidade do idioma visual.

Com essa busca dentro de uma nova realidade da comunidade Libras sistematizada e aculturada pelo sistema educacional, há um vínculo afetivo distanciado no nexo da identidade do idioma visual. Os ouvintes, ao entrarem para um grupo surdo, vão perceber que há algo que rege e algo que regula os liames dos seres surdos dentro desse grupo com seus pares e, ao mesmo tempo, entrarão numa conexão de pessoas com experiências visuais. Para adentrar na comunidade surda, há dois caminhos: um é quando o ouvinte é aceito por este saber: a língua de sinais, e tem um parentesco até mesmo distante com algum surdo. O segundo caminho é quando o ouvinte acompanha o surdo e tem o respeito, mas não é totalmente aceito, principalmente quando esse ouvinte toma a frente e esquece a capacidade que o surdo tem de tomar decisões por si próprio. Importante ressaltar que quando um surdo traz um ouvinte para o grupo, independentemente do grau da comunicação, se ele tiver qualquer parentesco, ele sempre será mais aceito, mais do que um que não tem um ser surdo em seus laços de parentesco, mesmo sendo fluente na Libras.

Essa posição de aceitação nem sempre é entendida pelas pessoas de fora do círculo. Qual será o passe pago para entrar nessa comunidade surda tão meticulosa? Por outro lado, dificilmente o ouvinte vai pensar que o esperado é uma explicação ou uma troca de possibilidades para uma evolução e conhecimentos de sentimentos. É necessário perceber que a diversidade de surdos é apresentada de forma contínua ao mundo ouvinte, necessitando de mais diálogo para conhecimento do outro. Uma tarefa árdua, já que os profissionais desconhecem essa necessidade.

Não estou me referindo a corpos surdos que têm conhecimento de língua escrita, têm um bom conhecimento e se fazem usuários dela. Estou me referindo aos seres surdos sinalizantes que podem até conhecer a escrita, mas apenas a veem como letras pregadas em um papel ou em uma tela. A língua de sinais passa por dois processos: o sólido, através da escrita de sinais, e em substituição da sonoridade que acontece em um espaço visual, por meio de registros em vídeos. Na parte da imaginação do sexto sentido, a língua de sinais tem mais acesso visivelmente, pois não precisa da escrita nem da fala. A língua de sinais é algo como uma das esferas da passagem quântica que divide o espaço atmosférico que solidifica e ao mesmo tempo é abstrata.

Como expor esses conhecidos sentimentos pelos sinais sem uma análise? Refiro-me aos sentimentos que estão todos dentro do corpo surdo para se chegar num processo em que possam ser expostos com sublimidade real. O que fazer sem ambiente linguístico familiar?

Somos todos humanos, por isso, por meio de nossos atos, de nossas representações sociais e de nossas práticas discursivas, vamos colocando pessoas para dentro dos nossos grupos sociais ou empurrando-as para a marginalização. Produzimos significados sobre as pessoas durante as vinte e quatro horas do dia,

mas, geralmente, não nos damos conta desse turbilhão de significações que somos nós. Assim, temos diferentes representações sobre os surdos e sobre os ouvintes, mas nem sempre elas são conscientes.

É possível entender isso? Isso seria um questionamento crucial. Conforme Bauman, no seu livro “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos” (2003):

Neste mundo de alta tecnologia, uma “rede” nos conecta ou desconecta desse mesmo mundo que nos causa insegurança. O contato pode ser interrompido a qualquer momento, basta seguir as ferramentas e links disponíveis para tal tarefa. O contato virtual tornou-se uma forma segura de manter um relacionamento em detrimento aos relacionamentos reais, nem tão passíveis às nossas escolhas, desejos e, por isso, parecem insatisfatórios quando comparados ao que a “proteção virtual” pode oferecer.

Para Bauman, conceitos como amor, paixão, sociabilidade e convívio perturbam o ser humano engendrado por essa modernidade líquida. O amor e a fragilidade (que é uma das suas características) nos causam estupor e, evidentemente, não podemos expor nossa vulnerabilidade. Por isso, tudo que é incondicional ou pretende ser nos assusta, inviabiliza o compromisso (que deve nascer com a “marca rubra” do fim cada vez mais próximo). Amor sugere entrega, escolha, afinidade (Bauman, 2003).

Voltando ao assunto das comunidades com um olhar na sutileza e na prática do amor, fiz a escolha de anotar aqui uma vivência com grupo de surdos e ouvintes em roda de conversas; as atitudes dos que vêm da comunidade surda em determinado tempo é efetivada com a necessidade de intérprete, com um olhar que a língua de sinais tem de ser interpretada e, no mesmo espaço, dos que vêm da comunidade Libras, a perspectiva apresentada é que a língua tem que ser ativada naturalmente sem intérprete. Usar a língua de sinais entre surdos e ouvintes naturalmente e sem que o ouvinte seja visto como o “finge de surdo”, nesse ponto as comunidades divergem. No mesmo sentido, podemos lembrar que os ouvintes também agem de tal forma quando dizem que determinado surdo bilíngue falante é visto como “falso surdo”.

O espaço constituído por seres visuais surdos e ouvintes não atrapalha, apenas complica quando não há compreensão da cultura de ambos. O espaço da língua de sinais referendando o idioma visual é uma construção que exige tempo e persistência. Nem sempre os dois seres se conectam como desejam linguisticamente. Cada um tem o seu tempo de evolução e adaptação perante a cultura e a língua de diálogo e negociação do bem viver. Ambos exigem explicações, porque não conseguem ver a dimensão dos pensamentos e acalantos do outro e, muitas vezes, não entendem que o outro tem suas necessidades ocultadas pelas culturas ora visual, ora auditiva.

Do encontro com as autoras Nídia Regina Limeira de Sá e Heloise Gripp Diniz, em seu artigo “Aliados e Inimigos na/da Educação de Surdos: Se você usar minha

Língua eu não lhe trucidado”, resulta que

Se somos surdos, empurrámos os ouvintes para a condição de “usurpadores de espaços surdos”, se somos ouvintes, empurrámos os surdos para a condição de “deficientes”. Se somos surdos “militantes”, podemos expandir a categorização, como se houvesse as categorias dos “ouvintes aliados”, dos “ouvintes inimigos”, dos “ouvintes híbridos”, dos “ouvintes analfabetos”, dos “ouvintes entendidos”. Por outro lado, se somos ouvintes, também categorizamos os surdos: “surdos aliados”, “surdos inimigos”, “surdos oralizados”, “surdos politizados”, “surdos escritores”, “surdos leitores”...

No entanto, não podemos essencializar as categorias “surdo” ou “ouvinte”, porque o que conta não é o potencial audiométrico, mas, a história, o carácter, a intenção, o contexto - o que vem de dentro em contato com o que se encontrou fora, ou seja: a síntese que nos faz os humanos que somos (Sá, Diniz, Vilhalva, 2018: 17).

A língua de sinais é uma avalanche, é como um bálsamo em momentos de conflitos emocionais e é nesse momento que muitos se confundem. Santos-Silva, em “Os sons ocultos da surdez: o que mobiliza o intelectual ouvinte a ser um ativista?” (No Prelo), faz suas colocações de entrelaçados ora entre o ouvinte e o surdo, ora entre o surdo e o ouvinte. Segundo a autora, quando se pensa na condição do sujeito de amar ou odiar, essa relação que se estabelece entre o sujeito surdo e ouvinte pode ser embasada pelo amor ou mesmo pelo ódio. A autora se remete a Freud para refletir sobre essa relação, porque, de acordo com Freud, amar é algo perigoso e impõe sacrifícios:

Quando amo a outrem, este deve merecê-lo de algum modo. “(...) Ele o merece, se em importantes aspectos semelha tanto a mim; eu tenho que amá-lo (...) Mas se ele me é desconhecido e não pode atrair por nenhum valor próprio, nenhuma significação que tenha adquirido em minha vida emocional, dificilmente o amarei (...)” (Freud, 2011: 54-55).

Santos-Silva discorre também sobre a constituição dos sujeitos nas relações de poder e saber que surgem a partir de jogos de verdade sobre si e sobre o outro: “E os intelectuais descobriram que as massas não necessitam deles para saber; pois elas sabem mais e melhor que eles e dizem também” (Santos-Silva, 2015: 6). Há um sistema de poder que proíbe, impede e pode extinguir esse discurso, pois, segundo Foucault,

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco ao lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso (Foucault, 2000: 71).

Depois de alguns ouvintes terem se passado como poluidores da natureza surda, terem tirado a natureza exuberante da língua de sinais, há um novo mundo à sua espera. E, às vezes, gritantes de discursos ocultos, até mesmo longe da filosofia gerada no contemporâneo. Tudo vira investigação desses dois seres que aparentemente dão o parecer de viverem de mãos entrelaçadas, mas ainda podemos continuar vendo uma chuva de interrogação ao ler o pensamento de Santos-Silva:

Pensando na história dos Surdos é possível compreender a visão que eles têm dos ouvintes, mesmo porque ainda sofrem com o preconceito e têm dificuldade em lidar com eles. Esse fato talvez seja o ponto fundamental, o cerne da questão, que faz com que uma barreira se erga não só aos nossos olhos, mas a nossa voz também. Penso e sinto certo distanciamento do mundo Surdo, não só pelo fato de não pertencer a ele, mas também por saber que o ouvinte intelectual dentro do movimento Surdo é visto apenas como solidário (Santos-Silva, 2015: 6).

Refletindo sobre a questão acima, eu até viajei no tempo e me pergunto: o que levou e leva os ouvintes a seguir o povo surdo?

Nesse túnel do tempo, será que essas pessoas já se sentiram surdas e voltaram a ser ouvintes? O que as faz, como ouvintes, estarem uma longa temporada mais no espaço visual que auditivo? Eu, em meus pensamentos, não as vejo com uma identidade específica de ouvintes. Não sei explicar, pois há algo maior a ser investigado para desvendar a identidade do idioma visual.

Outro exemplo que posso trazer aqui é o trabalho da Doutora Regina Maria de Souza. Essa autora tem uma variada e reconhecida produção acadêmica voltada às ideologias do movimento surdo brasileiro, o que me leva a refletir e corroborar com o pensamento de Santos-Silva quando ela enfoca que não consegue identificar Souza como uma pessoa solidária. A autora esclarece que:

Não consigo visualizar essa intelectual apenas como solidária, vou mais além, vendo-a como uma ativista ouvinte, que se envolve, que se afeta, que sabe que os Surdos escutam sim e falam também e que são dotados de desejos, querem ser ouvidos nas suas necessidades, ideias, objetivos, direitos; sinto que muitas vezes, Souza acaba fazendo a ponte entre os Surdos e os ouvintes, fazendo-nos refletir na capacidade e força que os Surdos possuem e que muitas vezes, senão na maioria, passam-nos totalmente despercebidas. Se muitas vezes não conseguimos compreender o outro, mesmo sendo ouvintes, como podemos entender o Surdo, cuja diferença é marcada pela experiência visual, por uma construção de mundo totalmente diferente, no qual a subjetividade pode ser incompreensível? Dois mundos em paralelo, difíceis de convergir. Estranha afirmação, mas extremamente real e verdadeira. Um olhar sobre

o outro, é dentro dessa perspectiva que percebo a imensa impotência, em se colocar no lugar do outro (Santos-Silva, 2015: 7- 8).

Há anos Souza apresenta uma produção acadêmica de excelência voltada às reivindicações e desejos da comunidade surda. O que leva as pessoas intelectuais não surdas a lutar junto a essa comunidade? Aqui pensando na pessoa não surda e na surda que interagem no idioma visual, será que elas teriam uma resposta?

O mundo prometido pelos povos visuais nesse orbe, a identidade-idioma aceitável é sempre o visual em um olhar e movimento quântico, sobre o ser ouvinte e estar surdo perante a constituição de solidariedade coletiva, pois os papéis de ambos os lados se misturam e fluem para projetar um novo olhar nesse espaço ainda germinado pelo povo visual.

A língua de sinais deve ser vista com um olhar quântico como dito acima, que ajuda no equilíbrio da atmosfera quântica. Um novo olhar e um novo paradigma que leve à ultrapassagem do ser sólido (que é a comunicação escrita) e que necessita de instrumentos sólidos para fazê-la estar presente no papel ou tela de eletrônicos. A sonoridade do som falado chega a muitas esferas. A língua de sinais passa por esses dois processos, o sólido, através da escrita de sinais, e o da sonoridade, através dos registros em vídeos. Na parte da imaginação do sexto sentido, a língua de sinais tem mais acesso visivelmente, pois não precisa da escrita e nem da fala. A língua de sinais é algo como uma das esferas da passagem quântica que divide o espaço atmosférico que solidifica e, ao mesmo tempo, é abstrata. Essa visão leva ainda a entender a existência de uma plenitude comunicacional e relacional que vai depender de um aprendizado constante dessa língua, o que é um desiderato constante do povo surdo. Há um equilíbrio que você usa em sua comunicação telepática, e muitos precisarão de equilíbrio mental, corporal, psicológico e espiritual para conseguir fazer o uso dela. Muitos se beneficiarão.

A língua de sinais, por ser uma língua quântica-visual, será vista em esfera através de fotografia com o parecer quântico. A linguagem quântica aqui exposta refere à língua de sinais em movimento e, nesse sentido, a mesma pode ser considerada um método de contribuição natural à comunicação dos seres sinalizantes de uma língua de sinais, observa-se, assim, que, em sua exposição, ela viabiliza benéficamente a qualidade de vida tanto das pessoas surdas quanto as não surdas, desde a singela até a mais complexa comunicação. A língua de sinais, ao mesmo tempo em que flui articuladamente em seus parâmetros, concentra determinadas vibrações dimensionais. Por ser uma língua não-linear, ela contribui com as ações das ondas das dimensões que a física quântica estuda e apresenta em suas teorias. Os sinais em ação, por assim dizer, usam o espaço: ora o sinal pode estar ancorado no corpo, ora em livre movimento no campo neutro. Podemos considerar que, ao fazermos uso

da língua de sinais, afloram sentimentos e percepções abstratas e sutis.

A língua de sinais ultrapassou a barreira da comunicação concreta/sólida para a abstrata/quântica; o mundo ainda vai reconhecer. Esse processo vai vigorar no início como uma revolução linguística. Todos usarão a língua de sinais. Alguns usarão para diálogos e outros para adentrar no infinito da consciência dos que fogem da comunicação sólida. Beneficiará aqueles que passam pelo processo de autismo, descontroles mentais, bem como os conhecidos como deficientes intelectuais. Nada será tão sólido quanto essa língua da quarta dimensão de um olhar quântico. Assim, muitas vezes é preciso que aqueles que se dedicam à instrução dessa entendam que sua responsabilidade não é tão simples. Você é um colaborador do equilíbrio quântico universal. Viva, medite, siga sinais e espalhe sinais sem medo de uma nova transformação.

Nessa visão, podemos receber a contribuição do escritor e ativista Ailton Krenak, em entrevista na YAM.COM.VC<sup>7</sup>:

*O tempo para Respeitar a Terra Acabou.* Nessa entrevista, Krenak coloca que:

Nós estamos numa espécie de mudança do paradigma civilizatório e as pessoas não querem aprender. Se quisessem aprender, a gente não estava nessa tragédia que a gente está dentro dela agora e eu não tenho muita ideia de como nós vamos sair disso. Os humanos são só um mínimo organismo vivo da vida. A vida é muito mais, ela transcende e atravessa tudo. A vida está nas montanhas, nas florestas, nos rios, no espaço (Krenak, 2020).

Krenak trabalha com a ideia de que todos fazem parte de um corpo-constelação, que somos uma constelação. Acho que isso também se relaciona com o que você propõe, Gladis Perlin, pois o equilíbrio universal do qual você fala, do meu ponto de vista, é ser e estar em um mundo onde as diferenças e singularidades de todos e de cada um sejam reconhecidas como experiência singular e não deficiência.

### **Considerações finais**

Refletindo a respeito de tudo que foi apresentado neste trabalho, acredito que posso afirmar que a língua de sinais faz parte de um espaço muito maior, de outra dimensão, não importa quanto tempo leve para se alcançar, porque há uma linguagem quântica, uma linguagem dimensional, na qual existe uma constituição funcional e energética, onde aparece uma contribuição em movimento constante.

Essa linguagem poderá beneficiar também as pessoas não surdas, pois mesmo que elas não saibam uma língua de sinais, podem sentir que há algo mais, como as outras línguas orais. Então, nesse sentido, a gente tende a se organizar de uma forma em que o pensamento e os movimentos sejam realizados através de parâmetros

diversos e não fixos, mas muito elaborados dentro da sua complexidade, levando ao entendimento tanto dos surdos quanto dos não surdos.

Como acontece essa linguagem energética? Acontece nesse movimento cósmico, nesse entendimento de que há algo mais que vai além da língua de sinais, porque nem sempre os olhos alcançam toda riqueza que está no espaço. Mas, por trás disso, nenhuma dimensão que se possa sentir se distancia do entendimento de que seja uma propriedade diferenciada: a ação dos sinais em movimento dá sentido aos sentimentos, ao entendimento universal de que há algo muito maior a ser compreendido.

Como é possível explicar esse processo dessa linguagem que pode ser considerada um espaço diferente e, ao mesmo tempo, dentro da linguagem de um contexto comunicacional?

Apropriar-se de um contexto diferente mostra que a área de diferenciação dos movimentos quânticos em um espaço relativo da presença de sinais esporádicos, que não têm uma semelhança exclusiva com uma língua específica. A linguagem quântica, numa perspectiva da identidade-idioma, principalmente visual, abordada neste artigo, vem surgindo como um espaço de comunicação cósmico num sentido êmico; esse espaço tem diversas linguagens onde poderá acontecer a interação entre surdos e não surdos, obtendo assim uma comunicação serena que leva a outra dimensão de aprendizagem, de compreensão e ao novo campo de comunicação.

A língua de sinais faz parte de um universo maior e que muitos ainda não descobriram: a imensidão que ela apresenta ao ter uma capacidade inata de desestruturar e reestruturar de forma que surja uma comunicação, a qual traz afetividade com criatividade a todos que dela usufruem, para que cada um possa se aprimorar e despertar o entendimento de que há uma linguagem diferenciada mostrando que somos uma humanidade movida e interligada por conexões comunicacionais.

### **Nota de agradecimentos**

Ao constituir um texto, a mente levanta o que temos de melhor: a tela mental em língua de sinais. Como colocar tudo isso nas letras? O trabalho acontece com uma passagem da escrita surda, uma escrita sofrida que sai lentamente de um imagético a contemplar. A entrada da assessoria textual bilíngue vem mostrar um novo despertar das letras com novos significados, sem deixar o autor gritar silenciosamente:

Que palavras que me faltam?

É preciso de olhares, e como dois desses olhares pude contar com a **Professora Dra. Gladis Perlin** e o **Professor Dr. Tiago Ribeiro**, para primeiras leituras. Quero dizer que este escrito surdo levou cinco anos para que eu, escritora surda, pudesse

ver que a contribuição de cada um foi fenomenal à luz de grande saberes e aceitação de letras com sentimentos surdos. Agradeço também às contribuições de Mirian Santos e pela tradução do resumo em inglês da Maria Arlete Rocha e, ao Tiago Ribeiro, do espanhol.

### Notas

<sup>1</sup>Professora surda mestra em Linguística pela UFSC, doutoranda em Linguística Aplicada Dinter Unicamp/ UFMS. Pesquisadora sobre educação de indígena surdo, língua indígena de sinais e Libras. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

<sup>2</sup>Usarei o termo diálogo neste estudo como referência de sempre dialogar, via contato de mensagem instantânea, com a pesquisadora Gladis Perlin.

<sup>3</sup>O totêmico é um organizador, como é citado por escritores antropológicos, bem como pelos escritores que tratam de economia. O totêmico constitui o aspecto natural, não é o sujeito em si. O totêmico representa aqui o natural que agencia, identifica e une ao natural. Assim, as forças de atração surdo-surdo podem se constituir em forças do “organizador totêmico”. Trata-se de um agenciador simbólico. Desta forma, como usuários da visão, vamos constituindo os signos por ela captados e nos constituímos em leitores por excelência, de acordo com Lennard J. Davis, professor na Binghamton University of New York, no ano de 1996.

<sup>4</sup>Êmico: A perspectiva êmica focaliza nos aspectos cognitivos, existenciais e culturais, signado pelo termo “visão de mundo”. Seu conceito é formado da realidade, da natureza, de si mesmo, da sociedade, do seu estilo moral e estético (Geertz, 2008,39). Isto é, as pessoas que vivenciam determinada cultura (Vilhalva, p. 22, 2009).

<sup>5</sup> Usarei o termo diálogo neste estudo como referência a sempre dialogar via contato de mensagem instantânea com a pesquisadora Gladis Perlin.

<sup>6</sup> BARROS, M. (2000) Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record.

<sup>7</sup> Para leitura da entrevista completa: O Tempo para Respeitar a Terra Acabou. Disponível em: <https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou>. Acesso 08/04/2021.

### Referências

- BARROS, M. (2000). Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record.
- BAUMAN, Z. (2003). Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar.
- FOUCAULT, M. (2000). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- FREUD, S. (2011). O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras.
- GEERTZ, C. (1978). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- HAMMED (ESPÍRITO). (2003). Os prazeres da Alma. Psicografia de Francisco do Espírito Santo Neto. Catanduva, SP. Boa Nova Editora.
- LENNARD, J. D. (1996) The politics of deafness. Washington, D.C.: Gallaudet University Press.
- PERLIN, G. (1998). Identidade Surda. In: Skliar, C. (org.). A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre: Mediação.

- PERLIN, G.; REIS, F. (2012). Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: Perlin, G.; Stumpf, M. (Orgs). Um olhar sobre nós surdos: Leituras Contemporâneas. Curitiba: Editora CRV.
- SÁ, N. R. L.; DINIZ, H. G.; VILHALVA, S. (2018). Aliados e inimigos na/da educação de surdos: Se você usar minha língua eu não lhe trucidado. IN: Barros, A. L. E. C.; Calixto, H. R. S.; Negreiros, K. A. (Orgs.) Libras em diálogo: interface com ensino. Campinas, SP: Pontes Editores.
- SANTOS-SILVA, M. L. F. (no prelo). Os sons ocultos da surdez. Projeto de Mestrado – Faculdade de Educação – UNICAM.
- SKLIAR, C. (2010). Os estudos surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: Skliar, C. (Org). A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.
- SOUZA, R. M.; GALLO, D. A. C. (2014) O desejo do intelectual ouvinte em relação ao movimento surdo brasileiro. In: Cavalcante, E. B.; Pinheiro, D. (Orgs). Bilinguismo e Educação de Surdos. Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará.
- SOUZA, R. M.; GALLO, D. A. C. (2013). O lugar do intelectual ouvinte no Movimento Surdo Brasileiro: reflexões a partir de uma experiência singular. Congresso latinoamericano de filosofia de la educación. Anais. Montevideú.
- VILHALVA, S. (2012). Anatomia do Sentimento Surdo. In: Perlin, G.; Stumpf, M. (Orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba: CRV.
- VILHALVA, S. (2009). Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, SC.